

OS MARCADORES CONVERSACIONAIS NA FALA CULTA DE SÃO PAULO (PROJETO NURC/SP)

Paulo de Tarso GALEMBECK (UNESP - Araraquara)
Kelly Alessandra CARVALHO (Bolsista PIBIC/CNPq)

Abstract: The purpose of this paper is to study the conversational markers (CMs) used in the standard spoken portuguese of São Paulo. CMs are analysed according to their position in the turn of talking (initial, medial or final) and to their most evident function (CMs with an interactional function, and those with a cohesive or ideational function). It is also emphasized the multifunctional role of CMs in the construction of dialogues.

0. Introdução

Este trabalho discute o papel exercido pelos marcadores conversacionais na estruturação de diálogos representativos da fala culta da cidade de São Paulo. Para tanto, verifica-se a presença desses elementos nas três posições do turno (inicial, medial, final) e a função por eles exercida em cada uma dessas posições.

A exposição inicia-se pela conceituação e caracterização dos marcadores conversacionais; a seguir, é feita a discussão do papel que eles exercem nas três posições citadas. O corpus deste trabalho é constituído pelos inquéritos do tipo D2 (diálogos entre dois informantes) nº 062, 333, 343 e 360, pertencentes ao cópus do Projeto

NURC/SP (Norma Urbana Culta - São Paulo) e publicados em Castilho e Preti (1986). De cada um deles foi extraído um fragmento correspondente a, aproximadamente, 60 min de gravação. Esses diálogos não podem ser classificados como conversações espontâneas, já que foram monitorados por documentadores, a quem coube sugerir o(s) tema(s). Em todo caso, esses inquéritos apresentam as características básicas de um diálogo “natural”: neles se verifica a simetria na participação dos interlocutores (caracterizada pela alternância nos papéis de falante e ouvinte) e ocorre um engajamento efetivo dos participantes na construção do ato conversacional (assinalado pela continuidade de assuntos e pela disputa pela palavra). (1)

1. Os marcadores conversacionais (MCs)

A língua falada tem três características básicas:

- a) ausência de uma etapa nítida de planejamento;
- b) a existência de um espaço comum partilhado entre os interlocutores;
- c) o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação.

Essas três características tornam essencial, para a construção do texto conversacional, a presença de certos elementos que têm por função:

- a) assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores;

- b) situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles;
- c) articular e estruturar as unidades da cadeia lingüística.

Esses elementos são os marcadores conversacionais, que Urbano (1993: 85) define como unidades típicas da fala, dotadas de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional, mas que geralmente não integram o conteúdo cognitivo do texto. O mesmo autor assinala que os marcadores “ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático” (Urbano, 1993: 85-86).

Marcuschi (1989: 282) salienta que os MCs têm um caráter multifuncional, pois operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de força ilocutória. Esse caráter multifuncional foi também ressaltado por Castilho (1989: 273-274), que admite que todos os marcadores conversacionais (por ele denominados marcadores discursivos) exercem, genericamente, uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto. Essa função geral, porém, desdobra-se nas duas funções particulares indicadas a seguir: a função interpessoal e a ideacional. Essa duplicidade de funções

faz com que existam dois tipos de marcadores: os interacionais (ou interpessoais) e os ideacionais (ou coesivos).

Quanto à posição no turno, os marcadores classificam-se em:

- Iniciais: não, mas, acho que, não é assim, que caracterizam o início ou a tomada de turno.
- Mediais: né?, sabe?, entende? digamos, advérbios, conjunções, alongamentos (2), que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno.
- Finais: né?, não é?, entendeu?, perguntas diretas, pausa conclusa, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno.

A posição dos marcadores não é fixa, ou seja, o mesmo MC pode aparecer em diferentes posições; eu acho que (inicial e medial); não é? (medial e final). Essa propriedade decorre do caráter multifuncional dos MCs, característica que - como se viu - foi salientada por dois autores já citados neste texto: Marcuschi (op. cit.) e Castilho (op. cit.).

2. Marcadores iniciais de turno

Os MCs empregados em posição inicial de turno distribuem-se nas duas classes já citadas na seção anterior deste trabalho: marcadores de valor interacional ou interpessoal (ligados à construção e gestão do ato

conversacional) e marcadores de valor ideacional (elementos de coesão entre as partes do texto).

2.1 Marcadores iniciais de função interacional

Estes marcadores exercem três funções principais: assinalam a tomada de turno; envolvem o ouvinte; prefaciam opiniões.

2.1.1 MCs de tomada de turno

De modo geral, os MCs iniciais têm por função assinalar a tomada de turno, mas em alguns deles essa é a função mais nítida, se não mesmo exclusiva. Trata-se dos marcadores éh, oh, ah, bom, pois é:

(Ex. 01) L2 (...) na Espanha a a há dialetos que quase não se entende o o:...

L1 uns uns () entendeu ()

L2 () pelos outros

L1 pois é mas eles são muito

definidos

L2 [é muito

difícil isso

L1 oh oh I. eles são muito definidos e isso faz com que no palco por exemplo (...)

(NURC/SP, 333, l. 118-125)

Entre os marcadores de início de turno, merecem ser salientados os que indicam concordância ou discordância:

(Ex. 02) L2 e... mas eu noto que agora... sobretudo na nossa família que nós temos muita preocupação... da da linguagem simples e da linguagem:... correta

L1

[exata

L2 é ... exata... nós ficamos um pouco chocados com o esse e o erre exagerados dos cariocas

(NURC/SP, 333, l. 51-56)

No exemplo anterior, o marcador é indica, de forma explícita, assentimento ou concordância. Em outros contextos, o citado marcador pode manifestar outros valores (dúvida, por exemplo).

2.1.2 MCs de envolvimento do ouvinte

São as expressões olha, veja, você vê, você acha, então você quer dizer o quê?, as quais funcionam como sinais de tomada de turno e chamam a atenção do ouvinte para o que vai ser discutido ou exposto:

(Ex. 03) Doc. (...) e o que vocês acham que seria uma televisão ideal numa comunidade como São Paulo?

L1 olha eu acho que a
televisão nossa
está se fazendo... ah::
justamente do que é a nossa sociedade (...)
(NURC/SP, 333, l. 907-911)

N
o exemplo anterior, o marcador olha introduz o turno e, ao
mesmo tempo, induz o ouvinte a prestar atenção nas
opiniões que serão expostas e até mesmo a aceitá-las.

2.1.3 Marcadores de opinião

O
turno pode ser introduzido por certos prefaciadores de
opinião: eu acho (que), creio (que), eu gostaria de saber, eu
sei, me parece que, eu tenho a impressão, acredito que:

(Ex. 04) L1 é eu acho que:: existe
realmente... problema é do do do ensino hoje que está meio
comercializado... éh:: emPErra um pouco as coisas (...)
(NURC/SP, 062, l. 969-971)

(Ex. 05) L1 tinha-se esperanças... em
que dona Ana Cândida sendo assumido a procuradoria geral
do Estado... em ela sendo mulher... que ela defendesse um
pouco mais a:: classe não?

L2 ahn
[

	L1	mas...
	L2	mas <u>eu tenho a impressão</u>
<u>que</u> ela acabou se vendo mais		
	L1	
	[
()		
	L2	mais ou menos uma ()
mais ou		menos ()
	L1	[
cerceada não é?		
	L2	cerceada ela chegou a um
ponto (...)		
		(NURC/SP, 360, l. 726-736)

O
s marcadores assinalados nos dois exemplos anteriores (eu acho que, eu tenho a impressão que) indicam que não há certeza plena e, assim, atenuam a força ilocutória das asserções. Ao empregá-los, o falante sinaliza que não assume integralmente o que vai ser dito e previne-se de possíveis reações desfavoráveis do seu interlocutor. Os marcadores acredito que, creio que e assemelhados indicam que o falante assume a opinião emitida e, assim, constituem marcas explícitas de certeza:

(Ex. 06)	L1	(...) antigamente você conseguia
----------	----	----------------------------------

fazer um troço desse tipo [assassinar aos milhares]? ((ri))
um por um... ((longa pausa))

L2

e...

L1

então acredito a possibilidade
de ter uma zebra é:: maior... certo? porque é sempre o quê?
crescimento de uma coisa... que funciona automaticamente
(...)

(NURC/SP, 343, l. 1616-1623)

2.2 MCs iniciais de valor ideacional

São representados por algumas conjunções e advérbios (e, mas, então, além disso, agora, aliás), que funcionam como elementos de coesão entre os turnos da conversação e, ademais, dão continuidade ao tópico em andamento ou introduzem um novo tópico. Cabe acrescentar que, neste trabalho, entende-se por tópico “aquilo a respeito de que se está falando”. (Brown e Yule, 1983: 73).

No caso dos MCs que atuam como seqüenciadores tópicos, pode-se verificar que a continuidade tópica não ocorre em termos estritos, com a retomada do mesmo referente. Ao contrário, nota-se mais freqüentemente que o assunto é retomado em termos mais abrangentes, caracterizando o que Keenan e Schieffelin (1976: 340 e ss.) denominam tópico discursivo incorporativo. Segundo esses autores, essa forma de continuidade tópica é caracterizada por retomar não o assunto em si, mas as pressuposições e

inferências que podem ser extraídas dos enunciados anteriores:

(Ex. 07) L1 então o desen/o desenvolvimento é bom porque ele dá chance de emprego para mais gente...

L2 mas você está pegando uma coisin::nha assim sabe? um cara que esteja desempregado também eu posso... usar o mesmo exemplo num num sentido contrário... o cara que está desempregado porque não consegue se empregar né? na verdade não quer... ou um outro que:: assim... muito bem empregado executivo chefe de empresa e tal mas cheio das neuroses dele... eu não sei qual está melhor...

L1 então você tem que abstrair desse aspecto porque você pode ser ambos os ca::sos... você tem que pegar na média esquecendo esse aspecto particular...

(NURC/SP, 343, l. 555-567)

Neste exemplo, os marcadores mas e então introduzem os turnos em que os informantes dão continuidade ao tópico em andamento, mas o fazem sem se prender (em termos estritos) ao que foi dito pelo seu parceiro conversacional. Veja-se: L1 afirma que o desenvolvimento é bom, porque cria emprego; L2 retoma o tema emprego e afirma que nem sempre ele traz felicidade; L1 retoma a palavra e introduz um novo dado, dizendo que é preciso considerar a média, não os casos particulares.

Em outros exemplos, verifica-se que os MCs de valor coesivo introduzem um outro tópico conversacional:

(Ex. 08) L1 (...) mais ou menos seis e meia eu já estou por aqui tomo um lanche e depois já vou para a aula né?... (e lá assim para as) dez e vinte mais ou menos já estamos saindo felizes descansados e tal

[

L2 satisfeitos né?... as aulas excelentes ((risos))

L1 agora é um problema né?... você vê que até há pouco tempo... uma pessoa me contou a respeito de de clima... e realmente pelo fato de de haver uma proximidade perto da da linha do Equador... diz que no Ceará a coisa é maravilhosa né? (...)

(NURC/SP, 062, l. 114-124)

L1 trata de sua rotina diária de trabalho e L2 faz uma observação irônica acerca da Faculdade que eles cursam. Com o marcador agora (ou, mais exatamente, com a expressão agora é um problema), L1 introduz um novo tópico, e passa a tratar do clima do Ceará.

Os marcadores iniciais de valor coesivo de ambos os tipos (de continuidade tópica ou de introdução novo tópico) são os responsáveis pela progressão temática do diálogo.

3. Marcadores mediais de turno

A exemplo dos que figuram em posição inicial de turno, os marcadores mediais subcategorizam-se em MCs de função predominantemente interacional e MCs de função predominantemente ideacional ou coesiva.

3.1 MCs de função interacional

Os marcadores incluídos nesta classe distribuem-se por vários subtipos, de acordo com a função mais evidente que eles exercem:

3.1.1 MCs interacionais de envolvimento do ouvinte

São representados pelas expressões veja, você veja, olha, você sabe, você repara, você imagina, você pode ver e outras locuções assemelhadas, usadas para conseguir a atenção do ouvinte e/ou obter o seu apoio.

(Ex. 09)L2 este texto que eu estava lendo (...) falava de::... de como a gente ainda tem castas atualmente né? se você pensar em termos de Idade Média... você tinha honrarias que eram concedidas porque fulano era duque:: outro era... sabe era bem definido né?... e atualmente você tem o quê? você precisa de... cinco mil horas para tirar um título universitário (...)

(NURC/SP, 343, l. 1221-1229)

A expressão você vê, é empregada com valor fático, quer dizer, constitui um recurso para que o falante possa envolver o ouvinte na exposição dos argumentos, conduzindo-o à aceitação das idéias expostas.

Os marcadores do tipo né?, sabe?, certo?, entende? (com entonação ascendente), e as perguntas retóricas (como a que figura no ex. 09) tem também valor fático, mas estão relacionados com a busca de aprovação discursiva no contexto da argumentação e interação; por meio deles;

confirma-se o papel de locutor do falante que detém a palavra (Settkorn, 1977: 197):

No exemplo anterior, o informante discute um assunto que pode gerar polêmica (a questão das honrarias) e, assim, procura estar seguro de que o ouvinte está disposto a entender ou receber a mensagem, garantindo que os canais de comunicação possam permanecer desimpedidos. Nesse sentido, é útil lembrar que Keller (1979, 220) chama aos marcadores em questão “sinais de controle da comunicação”.

Uma função subsidiária dos MCs interacionais de envolvimento do ouvinte (especialmente os sinais do tipo, né?, sabe?) é reforçar a opinião do próprio locutor.

3.1.2 MCs de sustentação do turno

No texto falado não há uma etapa de planejamento ou, mais exatamente, trata-se de uma modalidade de texto planejado localmente; nele o planejamento co-ocorre com a execução. Por isso mesmo, é natural que nele sejam freqüentes os silêncios, denotações de hesitação ou dificuldade na construção da frase e do texto. O problema é que o silêncio (pausas não-preenchidas) torna particularmente vulnerável a posição do locutor, pois permite que o turno venha a ser ocupado pelo outro interlocutor. Por causa disso, o falante procura preencher as pausas, com o emprego de certos marcadores não-lexicalizados (ahn, uhn, eh, ah) e de alongamentos (certo::, ahn::):

(Ex. 10) L2 (...) você usar um::
pulôver de:: ... argentino de:: ... éh:: cashmere... o fato de
você estar usando já está dizendo para as outras pessoas que
você tem um determinado nível social:: (...)

(NURC/SP, 062, l. 343-346)

Os dois recursos mencionados (os sinais de hesitação e o alongamento) podem vir combinados, como se pôde verificar no exemplo anterior. Cabe acrescentar que outras marcas de hesitação, como as repetições, truncamentos, silabações, não serão consideradas neste trabalho, por não constituírem marcadores conversacionais.

Dentre os marcadores conversacionais de sustentação de turno, merecem ser citados à parte aqueles que, além da sustentação de turno, indicam explicitamente uma atividade de planejamento verbal. É o caso de certos verbos de elocução ou de atividade mental (digamos, vamos dizer, sei lá, vejamos, quer dizer) e outras expressões (assim, bom, tudo bem, então):

(Ex. 11) L2 (...) quer dizer que
então:: é demorado... depois ainda tem que escovar
dente para sair... tem que cada um pegar sua lancheira o
menino pega pasta porque ele já tem lição de casa quer dizer
é uma corrida assim:: bárbara (...)

(NURC/SP, 360, l. 327-330)

Rosa (1992: 49) denomina os MCs em questão “hedges indicadores de atividades cognitivas” (3). Segundo a citada Autora, esses “hedges” indicam atividades de

planejamento verbal e, assim, modificam o caráter impositivo desses enunciados. O marcador sei lá, por sua vez, associa a indicação de planejamento verbal com a manifestação de incerteza:

(Ex. 12) L1 então quando foram fazer a Paulista... já tinham gastado três bi sei lá... cacetada de dinheiro

(NURC/SP, 343, l. 376-377)

Cabe acrescentar que, em outros contextos, o MC sei lá pode denotar desprezo, desatenção ou, mesmo, pouco caso.

3.1.3 MCs de manifestação de opiniões

São representados por verbos ou locuções denotadores de atividade mental ou de elocução. A exemplo dos marcadores iniciais de mesma função, estes marcadores podem dividir-se em dois grupos: aqueles que indicam que o locutor assume explicitamente as opiniões ou conceitos emitidos (creio que, acredito que, tenho certeza que) e aqueles por meio dos quais o locutor manifesta falta de certeza ou convicção. Vejam-se os exemplos a seguir:

(Ex. 13) L2 a minha [vocação] eu acho... eu não tenho certeza para julgar mas eu acho que foi incutida... meu pai foi o um:... era militar:: mas a vocação dele era ter sido...

advogado (...)

(NURC/SP, 360, l. 935-936)

O MC eu acho que, acompanhado da expressão eu não tenho certeza para julgar indica que a informante não assume inteira responsabilidade pela opinião emitida. O efeito oposto, ou seja, a manifestação de que o falante está seguro de suas opiniões é obtido com o emprego do marcador eu tenho certeza de que, que figura no exemplo a seguir:

(Ex. 14) L1 precisa praticar esporte
precisa... precisa é necessário é fun:/:é fundamental o
esporte né? ainda mais nessa fase de adolescência... ma::s...
ele ... eu tenho::... certeza de que ele ... ao entrar no
colegial... profissionalizante que tenha aquilo que o atraia
que são as máquinas ele vai se esquecer da outra profissão
(...)

(NURC/SP, 360, l. 1344-1350)

Os MCs de opinião, na maioria dos casos, encabeçam o enunciado e, por isso, são igualmente conhecidos como prefaciadores de opinião. Em alguns casos, porém, esses marcadores podem ocupar a posição medial no enunciado, o que acentua o efeito de incerteza ou falta de convicção:

(Ex. 15) L1 então ((pigarreou))
Gabriela eu acho () também... parece que já está sendo
negociada... como foi O Bem Amado... eh isso eu acho
muito bom

(NURC/SP, 333, l. 513-516)

Os MCs de opinião são geralmente representados por verbos na primeira pessoa do singular, ou seja, neles há marcas explícitas de enunciação. Os casos em que essas marcas não existem (casos de indeterminação do sujeito: dizem que, e de oração sem sujeito: parece que) são pouco frequentes no corpus e, assim, não serão considerados neste trabalho.

3.2 Marcadores mediais de função ideacional

Esses marcadores, representados por algumas conjunções e advérbios (e, mas, agora, porque, então, depois, além disso), que são os responsáveis pela estruturação das unidades que compõem o diálogo. Esses Mcs têm, pois, função coesiva:

(Ex. 16) [Roda cor de roda] é uma comédia engraçada e ao mesmo tempo muito amar::ga na sua solução... mas com essa interpretação maior da Irene Ravache... eu acho que a única coisa que eu devo de assinalar... agora outro dia estive aqui na minha casa me visitando uma autora teatral jovem que eu não conheço não conhecia e fiquei conhecendo pessoalmente... Consuelo de Castro... ela veio me trazer um... um caso especial que ela escreveu para a Globo (...)

(NURC/SP, 333, l. 875-883)

Os marcadores ideacionais que figuram no exemplo 16 exercem a função coesiva no plano do discurso: mas

introduz uma observação que acrescenta dados complementares em relação aos enunciados prévios (a boa interpretação de Irene Ravache na peça Roda cor de roda). Já o MC agora introduz um novo subtópico conversacional (ligado ao tópico teatro), pois a informante passa a tratar da autora Consuelo de Castro.

4. Marcadores finais de turno

Os MCs finais de turno tem valor unicamente interacional e cumprem duas funções, ambas relacionadas com a troca de falantes: indicam a entrega explícita do turno a outro interlocutor (passagem requerida) ou simplesmente sinalizam o fim do turno (passagem consentida). A distinção entre essas duas formas de passagem foi estabelecida por Galembeck, Silva e Rosa (1990: 75 e ss).

Os marcadores de passagem requerida são representados por uma pergunta direta e por certos marcadores que testam a atenção do ouvinte (né?, não é?, certo?, entende?), proferidos, na maior parte das ocorrências, com entoação ascendente (4). Esses marcadores sinalizam que a participação de outro interlocutor é explicitamente solicitada:

(Ex. 17) L2 e:: haveria necessidade...
dentro digamos desse na manu/ na:: ... no funcionamento
desse minicomputador... um elemento técnico ou pe/
precisaria ser um engenheiro?

L1 não aí precisaria ser um técnico mesmo certo? uhn:: para fazer funcionar o aparelho (...)

(NURC/SP, 062, l. 1076-1081)

Na seção 3.1.1 deste trabalho (“Marcadores interacionais de envolvimento do ouvinte”), já foi apontado que os MCs do tipo né?, sabe?, entende?, em posição medial, podem ter a função subsidiária de marcar a opinião do próprio locutor. Em certos casos, o falante os emprega e continua a desenvolver suas idéias, sem se preocupar em passar o turno.

A passagem consentida é assinalada, na maioria das vezes, pelo final de uma frase declarativa (entonação descendente). Esse final de frase por vezes é seguido por uma pausa conclusa, a qual constitui uma marca de final de frase (Câmara Jr., 1974: 302):

(Ex. 18) (L1 e L2 discutem o problema da pós-graduação)

L1 (...) muito poucos vão né? para essa área da da essa área científica mesmo... estudar:: profundamente defender uma tese tudo isso...

L2 justamente eles não muitos poucos vão para essa área científica por causa do problema eu creio mais da... do problema da remuneração (...)

(NURC/SP, 062, l. 835-840)

5. Observações finais

O exame dos marcadores conversacionais do corpus revela que os marcadores em diferentes posições podem exercer funções iguais ou semelhantes: é o caso dos marcadores de valor coesivo (iniciais e mediais) e dos responsáveis pelo envolvimento do ouvinte (iniciais, mediais e finais).

Fica claro, ademais, que se trata de elementos essenciais para o desenvolvimento do texto falado, pois são eles os indicadores de início de turno, de passagem e sustentação do mesmo e de articulação entre os diferentes segmentos tópicos ou temáticos.

NOTAS

1. Os demais tipos de inquiridos do Projeto NURC são: elocuições formais: EFs (aulas, palestras, conferências) e diálogos entre informante e documentador ou entrevistas - DID.

2. Nas transcrições do Projeto NURC, o alongamento de vogais e consoantes é indicado pelo sinal ::. Exs.: ca::da, mas::.

3. O conceito de “hedge” tem sido estabelecido de forma diferenciada pelos diversos autores consultados. Neste trabalho, adota-se a definição proposta por Brown e Levinson (1978), segundo os quais “hedges” são marcadores que, de qualquer modo, modificam o valor ilocutório de um enunciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, G. e YULE, G. (1983) *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge U. Press.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. C. (1987) *Politeness: some universals in language use*. 2 ed. Cambridge: Cambridge U. Press.
- CÂMARA Jr., J. M. (1974) *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon.
- CASTILHO, A. T. (1989) “Para o estudo das unidades discursivas no português falado”. In: ____ (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 249-279.
- _____ e PRETI, D. (1986) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para o seu estudo*. v. II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP.
- GALEMBECK, P. T., SILVA, L. A. e ROSA, M. M. (1990) “O turno conversacional”. In: PRETI, D. e URBANO, H. (1990) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. IV - Estudos. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, pp. 49-98.
- KELLER, E. (1979) “Gambits: conversational strategy signals”. *Journal of Pragmatics* 3: 219-238.
- MARCUSHI, L. A. (1989) “Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções” /n: CASTILHO, A. T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 281-322.

- ROSA, M. M. (1992) *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto.
- SETTEKORN, E. (1977) “Pragmatique et rhétorique discursive”. *Journal of Pragmatics*, 1: 195-210.
- URBANO, H. (1993) “Marcadores conversacionais” In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCHUSP, p. 81-101.